



Reconquista

Chamada de capa: Escola de Saúde está a fazer o retrato à resposta ao covid

ESALD ESTUDA A IMUNIDADE AO VÍRUS E PRETENDE ABRANGER OITO MIL PESSOAS

Escola de Saúde está a fazer o retrato à resposta ao covid

Estudo da reação imunitária pretende abranger todos os concelhos da Beira Baixa para se perceber o impacto das vacinas e as consequências da doença no sistema respiratório das pessoas. **P3**

Estudo da imunidade quer chegar a oito mil habitantes

ESALD ABERTA A PARCERIAS PARA AUMENTAR NÚMERO DE COLHEITAS

Estudo da imunidade quer chegar a oito mil habitantes

COVID Retrato da resposta imunitária pretende abranger todos os concelhos da Beira Baixa para perceber o impacto das vacinas e as consequências da doença no sistema respiratório.

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

Uma simples colheita de sangue pode ajudar a perceber como é que a população da região está a responder à ameaça do vírus que entrou e parece não querer sair das nossas vidas. O Instituto Politécnico de Castelo Branco tem em curso o projeto BB&CoVID, que é liderado pela Escola Superior de Saúde de Dr. Lopes Dias (Esald) mas de cuja equipa de seis pessoas também fazem parte dois professores da Escola Superior Agrária. A meta é ambiciosa e passa por chegar a oito mil pessoas, pouco menos que toda a população residente no concelho de Idanha-a-Nova. Mas a metodologia passa por ter uma amostra representativa dos vários concelhos. Até ao momento foram feitas perto de mil recolhas.

"O principal objetivo é percebermos como é que o vírus e a vacinação circulam aqui pela zona da Beira Baixa", explica Francisco Rodrigues, o responsável pelo projeto e também dire-

tor da Esald. Embora tenha arrancado em abril do ano passado só foi possível começar a trabalhar com mais ritmo a partir de setembro. "Tivemos aqui alguma dificuldade em encontrar os dois bolséis, porque são pessoas que trabalham na área da saúde e existe muita procura do mercado de trabalho", explica.

O projeto apoiado em cerca de 250 mil euros por fundos europeus tem a sua origem no apoio que as escolas deram às instituições de saúde no rastreio do coronavírus. Em todo o país foram 19 as instituições que estiveram na linha da frente não só com meios humanos mas também com equipamentos, o que aconteceu em Castelo Branco. Como reconhecimento desse papel foi dada a oportunidade de concorrer a um apoio financeiro, que neste caso foi aproveitado para aprofundar o conhecimento da doença. Os objetivos são dois: perceber o grau de imunidade da população da Beira Baixa e as consequências da doença no aparelho



Exame respiratório é uma das formas de perceber a doença

respiratório. A missão começou nas instalações da escola em Castelo Branco mas a equipa teve a oportunidade de visitar vários locais. Francisco Rodrigues diz que as parcerias são bem-vindas e estão dispostos a colaborar com associações, bombeiros, forças de segurança e outras organizações, deslocando-se aos locais. Quem quiser participar individualmente pode também fazê-lo agendando a colheita pelo telefone 272 340 560. Este é um trabalho académico que vai ser divulgado em publicações e

contará com um evento para apresentação de resultados. Uma das primeiras ideias que fica é que a resposta imunitária varia consoante a vacina que se toma mas só com uma amostra maior é que será possível retirar conclusões mais sólidas.

PROCEDIMENTO Quem aparece à hora marcada tem primeiro de preencher um consentimento informado, explica Adriana Santos, uma das duas bolséis do projeto. Depois são feitas duas colheitas de sangue: uma para analisar a quantidade

de anticorpos e a outra para determinar o grupo sanguíneo. A segunda parte começa com um questionário para recolha de dados como o peso, altura, se a pessoa está vacinada ou se já teve covid. Tudo termina com um teste respiratório, para avaliar se há alterações pós-covid, entre outros sinais

"Tendo em conta as pessoas que tiveram covid ainda não encontramos alterações significativas nas espirometrias. O que não quer dizer que não seja possível encontrar", diz Adriana Santos. Em menos de 24 horas os

resultados são transmitidos aos voluntários.

"Os resultados variam entre zero e 500, sendo que todos os que são superiores a 10 conferem imunidade a um indivíduo e por isso protegem-no contra uma possível infeção, reinfeção ou até mesmo contra sintomas mais severos", explica Inês Ribeiro. Ter ou não ter a vacina faz a diferença e a vacina que se toma também. "Nós conseguimos perceber que vacinas de RNA mensageiro produzem uma resposta imune mais robusta. Mas são resultados preliminares dos quais ainda não podemos retirar conclusões definitivas". Daí a importância de ter mais pessoas a participarem. Quanto à utilização da colheita de sangue em vez da zaragatoa, que se tomou uma das imagens desta pandemia, a explicação é simples: "nós não conseguimos detetar o vírus no sangue nem os anticorpos na região nasofaríngea. Por isso é que são colheitas diferentes".

Video em reconquista.pt



Online: Covid: Escola de saúde está a fazer o retrato da doença na região

Covid: Escola de saúde está a fazer o retrato da doença na região

José Furtado - 15/06/2022 - 7:59

VÍDEO Análise da resposta imunitária pretende abranger todos os concelhos da Beira Baixa para perceber o impacto das vacinas e as consequências da doença no sistema respiratório.



Exame respiratório é uma das formas de perceber a doença

Uma simples colheita de sangue pode ajudar a perceber como é que a população da região está a responder à ameaça do vírus que entrou e parece não querer sair das nossas vidas. O Instituto Politécnico de Castelo Branco tem em curso o projeto BB&COVID, que é liderado pela Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias (Esald) mas de cuja equipa de seis pessoas também fazem parte dois professores da Escola Superior Agrária. A meta é ambiciosa e passa por chegar a oito mil pessoas, pouco menos que toda a população residente no concelho de Idanha-a-Nova. Mas a metodologia passa por ter uma amostra representativa dos vários concelhos. Até ao momento foram feitas perto de mil recolhas.

"O principal objetivo é percebermos como é que o vírus e a vacinação circulam aqui pela zona da Beira Baixa", explica Francisco Rodrigues, o responsável pelo projeto e também diretor da Esald. Embora tenha arrancado em abril do ano passado só foi possível começar a trabalhar com mais ritmo a partir de setembro. "Tivemos aqui alguma dificuldade em encontrar os dois bolseiros, porque são pessoas que trabalham na área da saúde e existe muita procura do mercado de trabalho", explica. O projeto apoiado em cerca de 250 mil euros por fundos europeus tem a sua origem no apoio que as escolas deram às instituições de saúde no rastreio do coronavírus. Em todo o país foram 19 as instituições que estiveram na linha da frente não só com meios humanos mas também com equipamentos, o que aconteceu em Castelo Branco. Como reconhecimento desse papel foi dada a oportunidade de concorrer a um apoio financeiro, que neste caso foi aproveitado para aprofundar o conhecimento da doença. Os objetivos são dois: perceber o grau de imunidade da população da Beira Baixa e as consequências da doença no aparelho respiratório. A missão começou nas instalações da escola em Castelo Branco mas a equipa teve a oportunidade de visitar vários locais. Francisco Rodrigues diz que as parcerias são bem-vindas e estão dispostos a colaborar com associações, bombeiros, forças de segurança e outras organizações, deslocando-se aos locais. Quem quiser participar individualmente pode também fazê-lo agendando a colheita pelo telefone 272 340 560. Este é um trabalho académico que vai ser divulgado em publicações e contará com um evento para apresentação de resultados. Uma das primeiras ideias que fica é que a resposta imunitária varia consoante a vacina que se toma mas só com uma amostra maior é que será possível retirar conclusões mais sólidas



PROCESSO Quem aparece à hora marcada tem primeiro de preencher um consentimento informado, explica Adriana Santos, uma das duas bolsistas do projeto. Depois são feitas duas colheitas de sangue: uma para analisar a quantidade de anticorpos e a outra para determinar o grupo sanguíneo. A segunda parte começa com um questionário para recolha de dados como o peso, altura, se a pessoa está vacinada ou se já teve covid. Tudo termina com um teste respiratório, para avaliar se há alterações pós-covid, entre outros sinais

“Tendo em conta as pessoas que tiveram covid ainda não encontramos alterações significativas nas espirometrias. O que não quer dizer que não seja possível encontrar”, diz Adriana Santos. Em menos de 24 horas os resultados são transmitidos aos voluntários.

“Os resultados variam entre zero e 500, sendo que todos os que são superiores a 10 conferem imunidade a um indivíduo e por isso protegem-no contra uma possível infeção, reinfeção ou até mesmo contra sintomas mais severos”, explica Inês Ribeiro. Ter ou não ter a vacina faz a diferença e a vacina que se toma também. “Nós conseguimos perceber que vacinas de RNA mensageiro produzem uma resposta imune mais robusta. Mas são resultados preliminares dos quais ainda não podemos retirar conclusões definitivas”. Daí a importância de ter mais pessoas a participarem.

Quanto à utilização da colheita de sangue em vez da zaragatoa, que se tornou uma das imagens desta pandemia, a explicação é simples: “nós não conseguimos detetar o vírus no sangue nem os anticorpos na região nasofaríngea. Por isso é que são colheitas diferentes”.



Vídeo completo em: <https://www.reconquista.pt/articles/covid-escola-de-saude-esta-a-fazer-o-retrato-da-doenca-na-regiao>